



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I**  
**FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES – FALLA**  
**CURSO DE LETRAS ESPANHOL**

**FILIFE DOS SANTOS PEREIRA**

**DIMENSÕES FILOSÓFICAS E INTERTEXTUAIS EM “A BIBLIOTECA DE  
BABEL” DE JORGE LUIS BORGES**

**CAMPINA GRANDE**

**2024**

**FILIFE DOS SANTOS PEREIRA**

**DIMENSÕES FILOSÓFICAS E INTERTEXTUAIS EM “A BIBLIOTECA DE  
BABEL” DE JORGE LUIS BORGES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do curso de Letras Espanhol e ao  
Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito à obtenção do título de  
Licenciado em Letras Espanhol.

**Orientadora:** Ma. Ákyla Mayara Araújo Camêlo

**CAMPINA GRANDE**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436d Pereira, Filipe dos Santos.  
Dimensões filosóficas e intertextuais em "A Biblioteca de Babel" de Jorge Luis Borges [manuscrito] / Filipe dos Santos Pereira. - 2024.  
35 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.

"Orientação : Profa. Ma. Ákyla Mayara Araújo Camêlo, Coordenação do Curso de Letras Espanhol - CEDUC. "

1. Literatura latino-americana. 2. Filosofia. 3. Intertextualidade. 4. Conto. I. Título

21. ed. CDD 801.95

2024

**FILIFE DOS SANTOS PEREIRA**

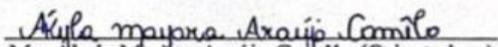
**Dimensões filosóficas e intertextuais em “A Biblioteca de Babel” de  
Jorge Luis Borges**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do curso de Letras Espanhol e ao  
Departamento de Letras e Artes da Universidade  
Estadual da Paraíba (UEPB), na área de estudos  
literários como requisito à obtenção do título de  
Licenciado em Letras Espanhol.

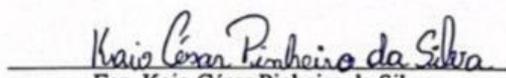
Área de concentração: Literatura hispano-  
americana

Aprovada em: 12/06/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Ma. Akyla Mayara Araújo Camêlo (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba

  
Me. Alessandro Giordano  
Universidade Estadual da Paraíba

  
Esp. Kaio César Pinheiro da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo dom da vida e por sempre me manter de pé. Suas bênçãos foram fundamentais para minha jornada até aqui.

A minha mãe, Maria Silvana dos Santos Pereira, que sempre me apoiou incondicionalmente e nunca me deixou desistir. Seu amor, apoio e encorajamento foram essenciais para minha jornada acadêmica.

A minha família, em particular, à minha avó Severina Sousa Pereira e à minha tia Suênia Sousa Maracajá. No início da minha jornada acadêmica no Campus de Monteiro, elas me proporcionaram apoio financeiro fundamental. Suas generosidades e sacrifícios não passam despercebidos e sou imensamente grato por tudo que fizeram por mim.

A Tomás Magno Silva Miranda, meu companheiro de vida, que sempre esteve ao meu lado, ouvindo-me e apoiando-me nos momentos em que o desespero batia. Sua presença e seu apoio foram luzes que iluminaram os caminhos mais difíceis da minha jornada acadêmica. Sou profundamente grato por ter você ao meu lado.

A Camila Batista dos Santos por ser mais que uma amiga, uma companheira desde os dias do Campus VI (Monteiro) até os momentos presentes. Sua presença e apoio ao longo de todo o percurso acadêmico foram essenciais. Estou grato por ter você ao meu lado.

A Jaqueline Malaquias Flor, uma amiga que encontrei para somar e que me ajudou, oferecendo conselhos nos momentos em que eu achava que não ia conseguir. Sou grato por sua amizade e suporte.

A minha professora orientadora, Ákyla Mayara Araújo Camêlo, por ter aceitado me orientar desde o primeiro momento em que eu falei com ela. Seu apoio, orientação e incentivo foram fundamentais para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho. Sou grato pela sua dedicação e comprometimento ao longo deste percurso acadêmico.

Agradeço a todos os professores pelos preciosos ensinamentos e pelo conhecimento compartilhado ao longo desta jornada acadêmica. Sou imensamente grato por toda dedicação e comprometimento em moldar o meu caminho rumo ao saber.

## RESUMO

O presente estudo se dedica a identificar e analisar as dimensões filosóficas e intertextuais do conto "A Biblioteca de Babel" do escritor argentino Jorge Luis Borges. Inicia com uma contextualização a respeito da literatura latino-americana, destacando suas raízes históricas e adentrando no tema da literatura fantástica. Em seguida, examina a obra de Borges, destacando a abordagem de sua ficcionalização e os diálogos intertextuais presentes em sua narrativa. Entre os principais teóricos apresentados neste trabalho, destacamos Tiphaine Samoyault (2008) para conceituar a intertextualidade; Tzvetan Todorov (2010) e David Roas (2014) para discutir sobre a literatura fantástica; Bertrand Russell (2020) e Ludwig Wittgenstein (2001) para discutir sobre a natureza da lógica e sua aplicação no conhecimento humano. Em suma, notamos que "A Biblioteca de Babel" possibilita questionamentos a respeito da vida humana, e aprofunda o debate através das dimensões intertextuais apresentadas no enredo, destacando as referências bíblicas. Configura-se como uma narrativa que convida leitores a refletirem sobre as questões existenciais e os limites sobre a complexidade da mente e a vastidão do conhecimento.

**Palavras-chave:** Literatura Latino-Americana; Jorge Luís Borges; Filosofia; Intertextualidade.

## **RESUMEN**

El presente estudio se dedica a identificar y analizar las dimensiones filosóficas e intertextuales en el cuento "La Biblioteca de Babel" del escritor argentino Jorge Luis Borges. Inicia con una contextualización sobre la literatura latino-americana, destacando sus raíces históricas y adentra en el tema de la literatura fantástica. Luego, examina la obra de Borges, destacando su ficcionalización y los diálogos intertextuales presentes en su narrativa. Entre los principales teóricos presentados en este trabajo, destacamos Tiphaine Samoyault (2008) para conceptualizar la intertextualidad; Tzvetan Todorov (2010) y David Roas (2014) para discutir sobre la literatura fantástica; Bertrand Russell (2020) y Ludwig Wittgenstein (2001) para discutir sobre la naturaleza de la lógica y el conocimiento humano. Notamos que "La Biblioteca de Babel" posibilita cuestionamientos sobre la vida humana, y profundiza el debate a través de las dimensiones intertextuales presentadas en el enredo, destacando las referencias bíblicas. Configurase como una narrativa que invita lectores a reflexionaren sobre las cuestiones existenciales y los límites sobre la complejidad de la mente y la inmensidad del conocimiento.

**Palabras clave:** Literatura Latinoamericana; Jorge Luís Borges; Filosofía; Intertextualidad.

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 INTERTEXTUALIDADE E LITERATURA FANTÁSTICA LATINO-AMERICANA</b> <b>.....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 Raízes Literárias: Literatura Pré-Colombiana.....</b>	<b>9</b>
<b>2.3 Literatura fantástica .....</b>	<b>12</b>
<b>2.4 Intertextualidade .....</b>	<b>14</b>
<b>2.5 Literatura e filosofia.....</b>	<b>15</b>
<b>3 BORGES E OBRA.....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 Borges Luís Borges e sua ficcionalização.....</b>	<b>18</b>
<b>3.2 Diálogos e memórias.....</b>	<b>20</b>
<b>4 “A BIBLIOTECA DE BABEL” .....</b>	<b>22</b>
<b>4.1 Dimensões filosóficas .....</b>	<b>23</b>
<b>4.2 Dimensões intertextuais .....</b>	<b>26</b>
<b>4.3 Tecendo conceitos.....</b>	<b>28</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura Fantástica configura-se como um espaço para a exploração da imaginação humana além das fronteiras com a realidade, proporcionando maiores interações entre o conhecido e o desconhecido. De modo geral, a narrativa fantástica nos leva para um mundo onde o sobrenatural e o inexplicável são realidades cotidianas.

De acordo com Roas (2014, p. 110), o mundo construído nos contos fantásticos simula situações normais e cabe ao leitor, identificar o diferencial a partir da sua própria realidade, ou seja, o que é alterado pelo sobrenatural que acaba contradizendo as leis físicas. Esse é o grande efeito do fantástico, provocar a incerteza do que é real, vejamos:

O fantástico, portanto, depende sempre do que consideramos real, e o real deriva diretamente daquilo que conhecemos. Assim, não podemos manter nossa recepção limitada à realidade intratextual quando nos deparamos com um conto fantástico. Relacionando o mundo do texto com o mundo real, torna-se possível a interpretação do efeito ameaçador que o narrador impõe para as crenças sobre a realidade empírica. (Roas, 2014, p. 111)

Nesse sentido, percebemos que a leitura de uma narrativa fantástica não pode se limitar ao que está implícito no texto. É necessário que o leitor viaje na literatura e ultrapasse essas linhas do real cotidiano e considere também, o mundo ficcional. É nesta linha de raciocínio, que se situa um dos célebres autores argentinos, Jorge Luís Borges (1899 -1986).

Borges é reconhecido por suas narrativas, poesias e ensaios, que ultrapassam as barreiras da realidade, além disso, se nota em sua escrita um comprometimento especial com a reflexão filosófica e intelectual da sociedade. Jorge Francisco Isidoro Luís Borges foi um dos escritores mais influentes do século XX e alcançou reconhecimento em vida. Produziu muita literatura ao longo de sua carreira. Um de seus trabalhos mais memoráveis foi o livro *Ficciones* (1944), uma coletânea com contos que exploram o infinito, os labirintos e a irrealidade. Outra coleção destacada foi *El Aleph* (1949), que explora temas filosóficos e metafísicos.

Enquanto leitor, percebo que a narrativa de Borges me provoca um efeito catártico. Nesse sentido, convém apontar que o interesse por esse tema de pesquisa e pelo autor partiu da minha trajetória acadêmica enquanto estudante do curso de Letras-Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Ao longo da minha graduação, participei de disciplinas vinculadas à literatura hispano-americana, em uma delas, tive a oportunidade de conhecer a literatura de Jorge Luis Borges, a qual me provocou um fascínio por sua escrita, especialmente, o conto “A biblioteca de Babel”. A partir daí, tive curiosidade por outras narrativas, pois devido a

inquietação que me são provocados questionamentos sobre conflitos da vida humana. Por ditas influências, me parece que um Trabalho de Conclusão de Curso com foco na obra de Borges pode contribuir para pesquisa acadêmica e, inspirar outros estudantes de Letras a pesquisar sobre a literatura argentina.

A partir da contextualização quanto à literatura fantástica do escritor Jorge Luis Borges e sua capacidade para provocar o interesse dos leitores, lançamos nossa pergunta de investigação: Como Jorge Luis Borges desenvolve a intertextualidade no conto “A biblioteca de Babel” e quais as possíveis abordagens filosóficas são problematizadas por ele?

O objetivo geral deste trabalho é identificar e analisar as dimensões filosóficas e intertextuais no conto “A biblioteca de Babel” do escritor argentino Jorge Luis Borges. A fim de alcançar o referido objetivo, delimitamos como específicos: (a) apresentar traços da literatura latino-americana com ênfases na literatura fantástica; (b) apresentar uma breve reflexão a respeito da ficcionalização de Jorge Luís Borges e sua contribuição para a literatura latino-americana; (c) discutir sobre a presença da intertextualidade em junção com as concepções filosóficas que permeiam a literatura de Borges.

Metodologicamente, essa pesquisa se enquadra na natureza bibliográfica e qualitativa. Para aclarar essa questão, partimos dos estudos de Marconi e Lakatos (2003, p. 183), as quais informam que, “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Além disso, informam que a pesquisa qualitativa se baseia na observação dos fatos para, em seguida, analisá-los.

Teoricamente, nos baseamos, sobretudo, nos estudos de Tiphaine Samoyault (2008) para conceituar a intertextualidade; em Tzvetan Todorov (2010), David Roas (2014), Iaranda Jurema Ferreira Barbosa (2020), Maria de Fátima e Albuquerque e Isis Milreu (2023) para discutir sobre a literatura fantástica. Entre os referentes filosóficos, se destaca Bertrand Russell (2020), Ludwig Wittgenstein (2001) que trazem conceitos sobre a natureza da lógica e sua aplicação no conhecimento humano.

De modo geral, notamos que a capacidade do autor de incorporar influências externas de forma coerente e criativa pode ser vista como uma manifestação do domínio da intertextualidade em sua literatura, em que as fronteiras entre os mundos literários se tornam porosas, permitindo a exploração de novos horizontes narrativos e a construção de realidades alternativas que cativam e intrigam os leitores.

## 2 INTERTEXTUALIDADE E LITERATURA FANTÁSTICA LATINO-AMERICANA

A literatura latino-americana é vasta e de excelente qualidade estética, entre seus elementos, buscamos aqui destacar o fantástico, literatura, filosofia e a intertextualidade. Enquanto a literatura fantástica insere elementos surreais na realidade cotidiana, criando uma fusão entre o real e o imaginário, a intertextualidade dedica-se à incorporação de referências literárias, culturais e históricas nas obras, enriquecendo a narrativa com uma teia de influências. Ambos os recursos são explorados por Jorge Luís Borges e a elas, nos dedicamos neste capítulo.

Iniciamos delineando desde suas raízes na literatura pré-colombiana até os movimentos contemporâneos que a tornaram uma força global com o Boom da literatura latino-americana, um movimento que ocorreu principalmente nas décadas de 1960 e 1970, onde escritores como Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa, Carlos Fuentes e Júlio Cortázar ganharam destaque internacional.

### 2.1 Raízes Literárias: Literatura Pré-Colombiana

Em solo americano a literatura oral existe desde antes da colonização. As civilizações indígenas possuíam, entre outras, tradições mitológicas e astronômicas cujo propósito era o de preservar as histórias dos seus ancestrais e administrar o tempo. Esses saberes foram confrontados, demonizados e suprimidos pelos colonizadores. Nesse contexto de usurpação, a literatura latino-americana desenvolveu, através de (em muitos casos) reflexões e tensões entre as culturas nativas e as influências europeias. Nesse mesmo paradigma, no site da Unesco (1972, p.22) encontramos as seguintes informações:

As grandes civilizações pré-colombianas eram ricas em arquitetura, em escultura, em música (esta chegou quase intacta a nossos dias). A cultura europeia trouxe principalmente a linguagem, a religião, técnicas ali desconhecidas. Mas à medida que a história ocorria, o acervo cultural da América Latina ia-se polarizando e se oferecendo como uma opção estéril que repetia a situação do conquistador e do conquistado: ser europeu, ser americano.

Na citação observamos que os povos que habitavam a América Latina antes da colonização possuíam um vasto patrimônio cultural, e nele, se incluem as manifestações literárias: poesia, teatro, mitologia e história. Em contraponto, com a chegada/imposição da cultura europeia houve uma necessidade de luta pela preservação e valorização dos saberes ancestrais das civilizações pré-colombianas, onde, infelizmente, esse desafio resultou na

dizimação de diversos saberes tradicionais além de uma grande perda para a diversidade cultural. Apesar da perda significativa do acervo cultural, houve um esforço consciente para preservar as tradições indígenas, traduzindo-as para a linguagem escrita. Como pontua Dário Gómez Sánchez em seu artigo “Literatura e memória nas civilizações pré-colombianas” (2015, p. 05), como se observa a seguir:

O processo de transformação abrupta da memória social em memória cultural, que deriva na conformação da literatura pré-colombiana, começa com a identificação dos recursos tradicionais de expressão indígena (glifos, códices e pinturas) que sobreviveram à destruição da primeira fase da Conquista – especialmente dos códices pré-hispânicos: verdadeiras joias da pictografia e recurso gráfico para a lembrança e recitação das narrações indígenas. Depois da identificação dos recursos tradicionais, o processo continua com a alfabetização ou escrita fonética das línguas ameríndias e se consuma com a transcrição e tradução das testemunhas orais e com a posterior difusão dos textos assim concebidos.

Esta citação destaca o processo de transformação da memória social em memória cultural, que culmina na formação da literatura pré-colombiana. Inicia-se com a identificação dos recursos tradicionais de expressão indígena. Uma das obras resgatadas e preservadas foi o *Popol Vuh*, uma antiga narrativa Maia que registra mitos e histórias de criação. Esta obra foi traduzida para a linguagem escrita por monges colonizadores, contribuindo assim para a preservação e divulgação desse livro sagrado. Como afirma (Sánchez, 2015, p. 08):

Segundo se afirma, a escrita da “bíblia maia” em alfabeto latino foi realizada nos meados do século XVI por indígenas alfabetizados supervisionados por missionários franciscanos e o manuscrito só apareceria num convento da Guatemala até o século XVIII, quando o padre Francisco Ximénez o transcreveu e traduziu. É essa transcrição do Padre Ximénez que serviu de base para a tradução francesa publicada em 1861 e da qual provem o título de *Popol vuh*. A primeira versão em espanhol, diretamente do Quiche, é de 1947.

É de grande importância a preservação do livro, porque a trajetória do *Popol Vuh* exemplifica a complexidade e os desafios enfrentados na preservação da literatura pré-colombiana e seu legado para a compreensão da história e cultura da América Latina.

Por meio de suas narrativas, mitos e poemas, podemos vislumbrar as complexidades e as profundezas do pensamento humano antes da chegada dos colonizadores europeus. Embora grande parte desse patrimônio cultural tenha sido perdido ou destruído durante o período colonial, o esforço contínuo de preservação e estudo permite que apreciemos e valorizemos sua importância até os dias de hoje.

## 2.2 O Boom Literário Latino-americano

O movimento que mostrou a força da literatura produzida na América hispânica foi o nomeado Boom latino-americano. Nesse cenário, o trabalho de diversos romancistas da região ganhou ampla divulgação na Europa, marcando um momento de grande reconhecimento internacional para a literatura latino-americana. Esses escritores apresentavam características em suas obras, uma delas, era a incorporação de técnicas surrealistas, resultando no que conhecemos como realismo mágico, maravilhoso e fantástico, ou seja, brincavam com a ficcionalização da literatura através de elementos sobrenaturais. Esse estilo narrativo, que mescla elementos fantásticos com o cotidiano, tornou-se uma marca registrada do Boom latino-americano, encantando leitores ao redor do mundo e conferindo às obras uma aura de mistério e encantamento.

O Boom propriamente dito, se desenvolveu entre 1960 e 1970 e ganhou projeção internacional a partir da divulgação da identidade desses povos e das críticas políticas e sociais. Rompe com a estética realista e naturalista destacada no período a partir de uma (des) realização. Os leitores europeus se interessaram por ler sobre as misérias e luxos, ditaduras e estilos da região. Os escritores do Boom traziam técnicas surrealistas produzindo o realismo maravilhoso. Barbosa (2020 p. 42) pontua que:

No realismo maravilhoso os eventos sobrenaturais são típicos e apresentam uma sincronia entre o objetivo, o subjetivo e o cósmico. Eles se complementam, sem violência, sem a necessidade de uma unidade mediadora ou de portais comunicantes, já que o “extraordinário” é regra e intrínseco a alguns personagens. Por conseguinte, é possível afirmar que o contexto do realismo maravilhoso ocorre em apenas uma dimensão – embora reconheçamos uma realidade bastante próxima à nossa – pois o sobrenatural não se infiltra, não é invocado, despertado ou provocado. Ele habita local e personagens desde suas origens.

O realismo maravilhoso é, portanto, um estilo literário em o que o extraordinário se insere ao mundo comum de forma orgânica. Um dos escritores mais reconhecidos associados ao estilo literário do realismo maravilhoso é Gabriel García Márquez. Em *O boom latino-americano: recepção e tradução*, Mariana Leivas Waquil (2014, p. 51) afirma que “[...] a eclosão definitiva do boom vem mesmo em 1967, quando ocorre a publicação de “Cem anos de solidão”, de Gabriel García Márquez. A partir de então, a literatura latino-americana jamais seria a mesma.” O colombiano foi vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1982. É amplamente reconhecido por suas obras-primas, como *Cem Anos de Solidão* e *O Amor nos Tempos do Cólera*, entre outras, que exemplificam vividamente os elementos do realismo

maravilhoso. Seguindo nessa mesma linha, Waquil (2014, p. 51) pontua que outros grandes escritores se destacaram: “[...], entretanto, não há quem negue a presença de quatro escritores que, indefectivelmente, participaram deste fenômeno: García Márquez, Vargas Llosa, Fuentes e Cortázar”. Cada um desses autores deixou uma marca indelével na literatura latino-americana e contribuiu significativamente para a consolidação do movimento literário conhecido como Boom.

Embora Jorge Luis Borges não seja considerado, por muitos, como parte do mencionado movimento, suas contribuições a essa literatura são inegáveis. Ele influenciou escritores em ascensão durante esse período. Com a repercussão do movimento, uma geração anterior de escritores conseguiu atingir um público de novos leitores, um deles foi o Borges que podemos considerar como um antecessor do Boom latino-americano. Uma das obras literárias que pode ser considerada como berço do boom se intitula *Historia universal de la infamia* (1935) do mencionado escritor. De modo geral, Boom foi antecipando-se em alguns autores que já sentiam uma afinidade com o gênero fantástico desde a perspectiva latino-americana.

### 2.3 Literatura fantástica

O termo fantástico coexiste nas mais variadas artes, sejam elas literatura ou não, como é o caso da arte cinematográfica e sua gênese está nas pinturas alemãs. Desde o seu surgimento, se dedica a coexistência entre o extraordinário e o racional, mesmo em um mundo cada vez mais dominado pelo pensamento lógico e científico.

Muitos estudiosos se dedicaram a conceituar o termo e um dos primeiros, é o filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov, o qual o define:

O fantástico implica pois não só a existência de um acontecimento estranho, que provoca uma vacilação no leitor e o herói, mas também uma maneira de ler, que no momento podemos definir em termos negativos; não deve ser nem “poética” nem “alegórica”. Se voltarmos para Manuscrito, vemos que esta exigência também se cumpre: por uma parte, nada nos permite dar imediatamente uma interpretação alegórica dos acontecimentos sobrenaturais evocados; por outra, esses acontecimentos aparecem efetivamente como tais, nós devemos representar isso e não considerar as palavras que os designam como pura combinação de unidades lingüísticas. (Todorov, 2010 p. 19)

O fantástico, portanto, surge nesse contexto como uma forma de explorar as fissuras entre o real e o irreal, desafiando as fronteiras estabelecidas pela razão. Já o escritor e crítico literário espanhol David Roas (2014, p. 25) ressalta em seu livro *A ameaça do fantástico*, que a literatura fantástica é o gênero literário que não funciona sem a presença do sobrenatural, e

para funcionar, a ambientação deve ser igual ao do leitor em um espaço que será invadido por elementos sobrenaturais. A visão de Roas sobre a literatura fantástica está centrada na presença do sobrenatural e na exploração das fronteiras entre o real e o irreal, como se observa a seguir:

Assim, para que a história narrada seja considerada fantástica, deve-se criar um espaço similar ao que o leitor habita, um espaço que se verá assaltado pelo fenômeno que transtornará sua estabilidade. É por isso que o sobrenatural vai supor sempre uma ameaça à nossa realidade, que até esse momento acreditávamos governada por leis rigorosas e imutáveis. (Roas, 2014, p.31).

Nota-se que a literatura fantástica retira o leitor da zona de conforto e lhe provoca questionamentos fronteiriços entre o cotidiano e o surreal. A professora e escritora Iaranda Jurema Ferreira Barbosa também tece várias reflexões a respeito do fantástico em sua tese *Horizontes de la escalera: a presença do modo fantástico na poesia latino-americana* (2020), em que é possível observar que

O fantástico é uma unidade suturada em meio a uma fratura, transgride regras, irrompe normas, viola modelos e torna vulnerável o leitor que, por sua vez, inconformado com a ausência de uma explicação objetiva e unívoca, em não raros casos, busca explicações fora do texto, colocando a obra em um leito histórico, social, filosófico, psicanalítico, biográfico, para moldá-lo como se houvesse uma longitude ajustável. (Barbosa, 2020 p. 95)

A literatura fantástica desafia essa visão monológica e racionalista, ao introduzir elementos sobrenaturais em ambientes cotidianos e familiares. Assim, a literatura fantástica não apenas coexiste com o racionalismo científico, mas também o desafia, ao oferecer narrativas que resistem a explicações simplistas e convidam os leitores a questionar suas próprias suposições sobre o mundo ao seu redor. Nesse sentido, a presença do sobrenatural não é apenas uma convenção do gênero, mas sim uma ferramenta poderosa para explorar os limites da compreensão humana e as complexidades da sua existência.

No artigo *Basta de nos queimar!: uma leitura de “As coisas que perdemos no fogo” de Mariana Enriquez* (2023), Maria de Fátima Albuquerque e Isis Milreu evidenciam algumas características da literatura fantástica contemporânea, sendo elas “[...] o uso de técnicas realistas, tais como a presença de um narrador extradiegético-homodiegético, a ambientação da história em lugares reais, a inserção de alusões à realidade pragmática e a descrição minuciosa de objetos, personagens e espaços, entre outros recursos (2023, p. 301).” Percebemos que o fantástico contemporâneo rompe com a normalidade cotidiana através de elementos fantásticos resultando em literaturas multifacetadas e em muitos casos, se apoiam em diálogos intertextuais, tema do nosso estudo. Albuquerque e Milreu (2023, p 301) ainda enfatizam que

“[...] está vertente literária possibilita refletirmos sobre a realidade a partir de distintas perspectivas, desvelando facetas que podem estar invisibilizadas.”

Em suma, o fantástico representa a manifestação da criatividade e da imaginação literária, especialmente na América Latina, em que autores se apoiam nela para explorar questões sociais, culturais e políticas, oferecendo *insights* valiosos sobre a condição humana e a complexidade da vida. Sua influência duradoura e universal continua a inspirar escritores e leitores no mundo todo, solidificando seu *status* como um dos movimentos literários mais importantes e cativantes do século XX e além.

## 2.4 Intertextualidade

Em textos literários, a intertextualidade configura-se como uma ferramenta que estabelece conexões deliberadas com outros textos, sejam eles literários ou não. Trata-se de um intrincado diálogo entre diferentes obras, sejam através de referências minuciosas ou até mesmo subvertendo elementos de outros, criando uma teia de significados que ampliam a compreensão e a profundidade das narrativas. Vejamos abaixo:

O termo intertextualidade designa esta transposição de um (ou de vários) sistema(s) de signos em um outro, mas já que esse termo tem sido freqüentemente entendido no sentido banal de um texto, preferimos a ele o de transposição, que tem a vantagem de precisar que a passagem de um sistema significante a um outro exige uma nova articulação do tético - posicionamento enunciativo e denotativo. (Samoyault, 2008, p. 17 apud Kristeva, 1974, p. 60).

Observamos que a filósofa e crítica literária Julia Kristeva, em sua análise trouxe aborda o conceito de intertextualidade como um fenômeno inerente à linguagem. Ela nos convida a adotar o termo "transposição" para descrever essa complexa relação entre sistemas de signos. Essa implicação incide não apenas na transferência de elementos de um sistema significante para outro, mas também na necessidade de uma rearticulação do posicionamento enunciativo e denotativo. Em outras palavras, a intertextualidade vai além da simples identificação de fontes, envolvendo a criação de novas conexões e significados, o que exige um olhar mais profundo e reflexivo sobre como os textos se relacionam e se influenciam mutuamente.

Conforme Tiphaine Samoyault (2008, p. 09), o conceito de intertextualidade não tem a mesma fundamentação metodológica que o dialogismo, o que contribui consideravelmente para suas subsequentes interpretações. A falta de uma base sólida implica que, ao ser reapropriado, o conceito tende a ser alterado e adaptado a outras perspectivas teóricas, muitas vezes menos transformadoras e mais relacionais. Essas adaptações surgem em resposta a diversas

problemáticas, como a da leitura, indicando que a intertextualidade não se limita mais a uma simples designação, mas busca ativamente estabelecer-se como um conceito operacional.

Enfatizamos que neste trabalho nos dedicamos a narrativa "A Biblioteca de Babel", a qual tange elementos de intertextualidade, estabelecendo conexões intrincadas com outras obras, entre elas, a história bíblica da Torre de Babel, a qual possibilita uma exploração de significados e amplia a compreensão do leitor. Desse modo, no mencionado conto, Borges descreve uma biblioteca infinita, composta por numerosos andares no modelo de hexágonos contendo livros que abarcam todas as combinações possíveis. Essa concepção remete diretamente à Torre de Babel, uma narrativa bíblica presente no livro de Gênesis, que descreve a construção de uma torre pelos descendentes de Noé. A tentativa de construir uma torre que alcançasse os céus, Deus confundiu as línguas, separando a humanidade e dispersando-a pelo mundo.

## 2.5 Literatura e filosofia

De acordo Pedro Menezes (2024, n.p.), “A filosofia busca compreender o pensamento humano e os conhecimentos desenvolvidos pelas sociedades. Foi essencial para o surgimento de uma atitude crítica sobre o mundo e os homens.” Notamos que o pensar filosófico não se limita apenas nas questões acadêmicas, vai além disso, pois através da filosofia começamos a questionar nossa existência e a buscar uma compreensão sobre o mundo.

A história da literatura e da filosofia estão intimamente entrelaçadas desde os primórdios da civilização ocidental. Uma figura emblemática dessa relação é o filósofo grego Platão, cuja influência e habilidades literárias são notáveis, mas por influências de Sócrates, passou a se dedicar exclusivamente à filosofia. A escrita de Platão não era apenas um veículo para transmitir seus conceitos filosóficos, mas também uma forma de arte literária. Suas histórias e diálogos foram habilmente modificados, e seus personagens encarnam os princípios filosóficos que ele procurava explorar. O filósofo usava a literatura como uma ferramenta para dar vida às suas ideias e engajar o leitor em uma jornada intelectual, uma de suas obras que têm concepções literárias é *A República*, embora seja conhecida por suas discussões filosóficas sobre justiça, política e educação, também apresenta elementos literários como a narração e diálogos que são divididos em livros.

Aristóteles, discípulo de Platão também abarcou em seus estudos tanto a literatura quanto a filosofia, e suas contribuições marcaram a forma como entendemos essas disciplinas

até hoje. Em seu livro *Poética*, Aristóteles analisa a natureza da tragédia e da poesia épica, explorando as estruturas e os elementos essenciais dessas formas literárias, vejamos:

Não é o ofício do poeta narrar o que realmente acontece; é, sim, representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível, verossímil e necessário. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem em verso ou em prosa (...) - diferem sim em que um diz as coisas que sucederam, e o outro as coisas que poderiam suceder. Por isso a poesia é mais filosófica e mais elevada do que a história, pois aquela refere principalmente o universal, e está o particular. Referir-se ao universal, quero eu dizer: atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convém a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia quando põe nome às suas personagens (Aristóteles, n/p, p.117)

O que Aristóteles está sugerindo é que uma poesia não se limita a contar fatos específicos e reais, mas busca transcender o particular para explorar o universal. Ao considerar pensamentos e ações a personagens de acordo com sua natureza, os poetas buscam criar histórias que sejam verossímeis e possíveis dentro do contexto da narrativa. Isso implica que as ações dos personagens devem ser consistentes com suas características e, ao mesmo tempo, suscitar a identificação do leitor ou espectador. A ideia de que a poesia é mais filosófica do que a história enfatiza a importância da ficção, da criação literária e da exploração das possibilidades humanas. Ao pôr nome aos personagens e criar enredos verossímeis, os poetas nos convidam a refletir sobre a natureza da existência e a compreender melhor os seres humanos e suas ações. Na última análise, a citação de Aristóteles ressalta a riqueza e a profundidade da literatura como uma forma de expressão que vai além dos fatos e da narrativa puramente histórica, enriquecendo nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

Anos depois, outro filósofo que se destacou por sua visão sobre a relação entre filosofia e literatura foi o Jean-Paul Sartre. Ele desenvolveu uma filosofia profundamente existencialista em outras palavras, argumentou que os seres humanos não possuem uma essência que os define de maneira intrínseca; em vez disso, eles são definidos pelo modo como vivem suas vidas. Portanto, a identidade de uma pessoa é uma construção contínua e individual, que se desenvolve ao longo do tempo e nunca atinge um estado final, permanecendo em constante evolução até a morte. Através da criação de personagens e enredos fictícios, os escritores podem explorar as complexidades da mente humana e apresentar dilemas morais e éticos de maneiras mais acessíveis e cativantes. De certa forma, como podemos notar, esse enigma já se fazia presente no próprio filósofo. Repetir isso de maneira explícita e destacar uma variação dentro desta igualdade é crucial, uma vez que o meio pelo qual a expressão ocorre não é trivial para a própria

configuração do que está sendo comunicado ou da meta subjacente à comunicação. Sartre ainda reflete sobre esse assunto, como se observa a seguir:

Eu sou um filósofo? Ou eu sou um literato? Penso que o que eu trouxe desde minhas primeiras obras é uma realidade que é os dois: tudo o que escrevi é, ao mesmo tempo, filosofia e literatura, não meramente justaposta, mas cada elemento dado é ao mesmo tempo literário e filosófico. (Sartre, 1989, p. 380).<sup>1</sup>

A citação apontada evidencia que Jean-Paul Sartre refletia sobre o seu envolvimento em uma abordagem interdisciplinar, onde a filosofia e a literatura são entrelaçadas para oferecer uma visão mais completa e rica da condição humana. Seu trabalho se concentra em garantir que a escrita não fique limitada ao mundo acadêmico, mas que possa desenvolver uma forma de expressão que ressoe profundamente com os leitores, estimulando reflexões sobre filósofos e literatos. Ao longo da história da literatura, é evidente que muitos escritores foram influenciados pelos ensinamentos e ideias dos filósofos. Desde os tempos antigos até os dias atuais, as obras literárias frequentemente refletem os debates filosóficos e as reflexões sobre a condição humana. O conto “A Biblioteca de Babel”, objeto de nosso estudo, tem um enredo que pode ser relacionado com teorias filosóficas como é o caso da epistemologia, que se trata do estudo do conhecimento e suas variadas formas, e sobre isso se observa mais adiante.

---

<sup>1</sup> Suis-je philosophe? Ou suis-je littéraire? Je pense que ce que j’ai apporté depuis mes premières œuvres, c’est une réalité que soit les deux: tout ce que j’ai écrit est à la fois philosophie et littérature, non pas juxtaposées, mais chaque élément donné est à la fois littéraire et philosophique. (Entretiens avec Sartre”. in M. Sicard, Essais sur Sartre, p. 380).

### 3 BORGES E OBRA

Jorge Francisco Isidoro Luis Borges Acevedo, conhecido como Jorge Luis Borges, nasceu em 24 de agosto de 1899 em Buenos Aires, Argentina, e faleceu em 14 de junho de 1986 em Genebra, Suíça. Foi um renomado escritor, poeta, ensaísta e bibliotecário argentino, considerado uma das figuras mais representativas da literatura do século XX. Desde cedo, mostrou seu interesse pela literatura influenciado pela biblioteca de seus pais. De acordo com Pedro Demenech (2017, p. 31), essa estreita relação com os livros da biblioteca de seu pai, Jorge Guillermo Borges (1874-1938), e com a tradição argentina, através da história familiar vinculada a sua mãe, Leonor Acevedo Suárez (1876-1975), deram-lhe repertório e condições para desenvolver os temas de sua ficção. Ele era uma criança prodigiosa e aprendeu a ler em várias línguas, incluindo inglês, francês, alemão e latim. Essa diversidade linguística e cultural se tornaria uma marca registrada de sua posteriormente em sua escrita.

Suas narrativas labirínticas exploram temas filosóficos e metafísicos, como o tempo, o espaço e a identidade através de um estilo enigmático e provocativo. Além disso, é perceptível que Borges tece uma rica tapeçaria de referências literárias, históricas e filosóficas em suas obras, criando um universo literário único e multifacetado. Suas coleções de contos mais conhecidas são *Ficciones* e *O Aleph*, os quais exemplificam essa abordagem distintiva, enquanto sua obra completa reflete sua profunda compreensão da condição humana e sua busca pela verdade e pelo significado. Apesar do falecimento de Borges no século XX, na perspectiva de Milreu (2014, p. 10), continua a inspirar escritores e leitores em todo o mundo, afinal, sua lista de admiradores ultrapassa a fronteira argentina e latino-americana, abarcando desde destacados escritores como Umberto Eco e Harold Bloom até reconhecidos teóricos como Michel Foucault e Roland Barthes, entre outros.

O percurso literário exitoso de Borges, com premiações, reconhecimento ainda em vida e um vasto interesse pela crítica literária comprova a qualidade estética de sua obra e sobre sua escritura, apontamos breves reflexões no subcapítulo que segue.

#### 3.1 Borges Luís Borges e sua ficcionalização

A ficcionalização é uma técnica literária que envolve a criação de narrativas fictícias que misturam elementos da realidade e da imaginação. Em *O encontro com o outro na literatura: Os Borges cara a cara* de Rosângela Costa de Abreu e Tatiana da Silva Capaverde (2024, p. 02) as autoras investigam a complexa dinâmica de encontros entre personagens na

obra de Jorge Luis Borges. Ao explorar as interações entre os diferentes "eus" e "outros" criados pelo autor argentino, as autoras desvelam camadas profundas de significado que permeiam os textos borgeanos, vejamos:

Toda a complexidade que envolve os labirintos textuais de Borges tem tornado o autor um dos mais discutidos e apropriados na literatura contemporânea. O caráter duplo que alguns de seus textos aborda apontam para o processo de repetição que constitui o fazer literário. Entretanto, não apenas os textos de Borges são alvos de apropriação, mas também sua figura autoral.

A citação destaca que não apenas os textos de Borges são alvos de apropriação, mas também sua figura autoral. Isso sugere que Borges transcende o papel de simples autor, tornando-se uma figura emblemática que é constantemente reinterpretada e reimaginada por críticos, acadêmicos e leitores. Sua figura se torna parte integrante de sua obra, apontando para a interseção entre sua vida e suas criações literárias.

Seu sucesso como escritor foi tão grandioso que ele se tornou objeto de ficcionalização em diversas outras obras. Não apenas em um, mas em vários contextos literários, Borges foi imortalizado como personagem, tanto em romances quanto em contos, peças teatrais, filmes e até mesmo em histórias em quadrinhos. Essa transformação, que o projeta do papel de autor para o de personagem dentro de outras narrativas, é um testemunho do impacto profundo que Borges teve não apenas na literatura, mas também na cultura popular e na imaginação coletiva como se observa adiante:

Averiguamos que Borges foi ficcionalizado em diversos meios e tornou-se personagem de romances, contos, crônicas, peças teatrais, filmes e, até, histórias em quadrinhos. Notamos que algumas destas obras deslocaram as discussões sobre o autor e sua poética da esfera crítica para o âmbito ficcional. (Milreu, 2014, p. 10)

Sua influência ressoa não apenas em sua própria escrita, mas também na maneira como outros escritores e artistas o interpretam e o recriam, perpetuando assim sua presença no cânone literário e cultural. Seguindo essa linha de raciocínio Milreu também aponta que “[...] esse neologismo pode ser visto como sinônimo de ficcionalizar, uma vez que nessas produções Borges deixa de ser um autor para transmutar-se em personagem, um ser ficcional” (2014, p. 10). Essa Borgenização não apenas reconhece a influência profunda que Borges exerce sobre a literatura e a cultura hispano-americana, mas também destaca o seu status icônico, onde ele transcende as limitações da vida real para se tornar uma figura imortalizada na imaginação coletiva.

Em suma, percebemos que a metaficção configura-se como uma característica marcante de sua obra, que conceitualmente refere-se a “[...] um fenômeno estético autorreferente através do qual a ficção duplica-se por dentro, falando de si mesma ou contendo a si mesma.” (Bernardo, 2010 apud Milreu, 2014, p. 201). Notamos que se relaciona à própria natureza da ficção. Em seus textos, Borges explora histórias que muitas vezes questionam a fronteira entre a realidade e a imaginação, desafiando as convenções narrativas tradicionais. Também usa livros e bibliotecas como símbolos de conhecimento, infinitude e caos que têm impacto direto em algumas de suas tramas.

Outra característica destacada de suas obras refere-se à literatura fantástica, em que o autor brinca com a realidade circundante a partir de contextos aparentemente reais em que rupturas ocorrem de modo que provoca questionamentos de personagens e leitores, conforme já conceituado no primeiro capítulo deste trabalho. Nesse sentido, concordamos com o pensamento apontado por Roas (2013, p.68-69) no fragmento a seguir:

É isso, basicamente, o que Borges pretende com seus contos fantásticos: demonstrar que o mundo coerente em que acreditamos viver, governado pela razão e por categorias imutáveis, não é real (em uma valorização extrema do idealismo absoluto). Borges parte de uma premissa fundamental em sua reflexão: a realidade é incompreensível para a inteligência humana, mas isso não impediu o homem de elaborar uma infinidade de esquemas que tentam explicá-la (filosofia, metafísica, religião, ciência). E o resultado da aplicação de tais esquemas não é a explicação do universo, mas a criação de uma nova realidade: o ser humano, incapaz de conhecer o mundo, cria à medida de sua mente (não é estranho, então, que Borges seja considerado um dos pais da pós-modernidade), onde, de algum modo, e essa é a terrível ironia que Borges quer que vejamos, o homem feliz. A realidade é, portanto, uma construção fictícia, uma simples invenção.

Assim, percebemos que a ficcionalização de Borges não apenas revela sua maestria na manipulação de elementos literários, mas também estabelece um legado duradouro que continua a influenciar escritores e leitores, inspirando uma apreciação mais profunda pela interconexão entre a palavra escrita e a complexidade da existência humana. A seguir, continuamos com apontamentos sobre sua escrita, no entanto, adentrando no tema das recordações, reflexões pessoais e intertextualidade.

### **3.2 Diálogos e memórias**

De acordo com Milreu (2014, p. 210) a memória também é uma das características da poética borgeana, em que o escritor interage com a história tanto através das técnicas de

produção textual quanto através das referências históricas inseridas em suas obras. Nesse sentido, a intertextualidade e as memórias identificam-se firmemente em sua escrita. Enquanto o intertexto refere-se à prática de incorporar referências, alusões e limitações de outras obras literárias em seu texto, as memórias, tanto pessoais quanto coletivas, também desempenham um papel significativo em sua obra.

Borges frequentemente explorava a natureza fluida da memória, questionando sua confiabilidade e destacando como ela molda nossa compreensão do passado. No livro *Textualidade e memória: permanência, rotura, controvérsia* de John Greenfield (2019), observamos a riqueza e a complexidade da literatura como um reflexo da memória cultural e histórica:

A literatura vem carregada de memória, como vem o escritor que lhe dá corpo, mas, se, de um lado, ela fica como valor documental historiável, por outro as múltiplas construções imaginativas a que procede — reinventando e conferindo realidade ao irreal, como bem nos ensinou esse genial inventor de falsas memórias, mas exímio guardador de cultura na sua prodigiosa memória, que foi Jorge Luis Borges — constituem um dos tesouros que ainda hoje ciosamente guardamos. (Greenfield, 2019, p.64)

A dualidade apresentada na citação destaca a literatura como um valor documental histórico, capaz de registrar eventos, culturas e contextos. Ao mesmo tempo, a ênfase nas "construções imaginativas" destaca a capacidade da literatura de transcender a mera documentação, explorando o reino da reinvenção e da atribuição de realidade ao irreal.

Assim, as memórias de Borges, entrelaçadas com suas explorações intertextuais, não são apenas vestígios do passado, mas elementos simbólicos que dão vida a muitos significados. Cada obra é um ponto de convergência, onde as influências literárias se entrelaçam com as experiências pessoais, criando uma sinfonia única e inimitável.

A partir da teia de características apontadas nas seções anteriores sobre a literatura de Borges, no capítulo seguinte, nos dedicamos a identificar os mencionados traços no conto “A biblioteca de Babel” conforme se observa a seguir.

#### 4 “A BIBLIOTECA DE BABEL”

“A biblioteca de Babel” é considerado um dos contos mais célebres da carreira do escritor argentino Jorge Luis Borges e foi publicado no livro *Ficciones* em 1944. Trata-se de uma biblioteca infinita que abriga todos os livros concebíveis, compostos por 25 símbolos ortográficos em páginas de exatas 410. A narrativa possibilita que os leitores agucem suas imaginações e teçam reflexões filosóficas sobre a busca pelo conhecimento, a natureza da linguagem e a inevitabilidade do desconhecido, entre outras questões.

O narrador parte de um labirinto de palavras e transcende as fronteiras da realidade adentrando na literatura fantástica. Engendra uma literatura de contemplação ao infinito que permite ao leitor a possibilidade de explorar as complexidades da existência humana, desafiando nossa compreensão convencional da literatura e do universo.

O enredo é descritivo e o narrador de primeira pessoa como mostra a citação: “Como todos os homens da Biblioteca, viajei na minha juventude; peregrinei em busca de um livro, talvez do catálogo de catálogos; agora que meus olhos quase não podem decifrar o que escrevo, preparo-me para morrer, a poucas léguas do hexágono em que nasci” (Borges, 1999, p.38). O espaço é fictício, uma biblioteca formada por galerias hexagonais que representam o universo. A descrição do espaço se observa na citação a seguir: “O universo (que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas” (Borges, 1999, p.38). Ao longo da leitura percebemos que essa biblioteca é mais que um cenário, pode-se inclusive, apesar que se trate de uma entidade viva que desafia a compreensão humana.

A minúcia com que o narrador descreve a biblioteca ressalta não apenas a enormidade física do lugar, mas também a imensidão conceitual que são os livros, as histórias e as teorias criadas naquele espaço. Cada detalhe, cada corredor, e cada livro são como elementos de um quebra-cabeça intelectual que desafia as noções convencionais de espaço, tempo e conhecimento. A descrição meticulosa, portanto, atua como uma ferramenta literária que expande a compreensão do leitor sobre a magnitude do universo fictício criado por Borges e permite relacioná-lo com outras obras. Vejamos abaixo:

A Biblioteca é uma esfera cujo centro cabal é qualquer hexágono, cuja circunferência é inacessível. A cada um dos muros de cada hexágono correspondem cinco estantes; cada estante encerra trinta e dois livros de formato uniforme; cada livro é de quatrocentas e dez páginas; cada página, de quarenta linhas; cada linha, de umas oitenta letras de cor preta. [...] Também há letras no dorso de cada livro; essas letras não indicam ou prefiguram o que

dirão as páginas. Sei que essa inconexão, certa vez, pareceu misteriosa. Antes de resumir a solução (cuja descoberta, apesar de suas trágicas projeções, é talvez o fato capital da história), quero rememorar alguns axiomas. (Borges, 1944, p. 38)

A citação acima detalha a organização interna da biblioteca, desde o número de estantes em cada muro até o conteúdo específico de cada livro, ressalta a enormidade do conhecimento contido nesse espaço fictício. Borges não apenas descreve a extensão física, mas também as camadas mais profundas da estrutura, fornecendo um esboço minucioso e quase científico. Essa conexão entre as letras e o conteúdo dos livros reflete a complexidade e a aleatoriedade da busca pelo conhecimento, sugerindo que, mesmo em meio a uma quantidade infinita de informações, encontrar significado pode ser uma tarefa desafiadora. Esses elementos, combinados, contribuem para a riqueza e profundidade da narrativa, desafiando os leitores a explorar as fronteiras entre o real e o imaginário, o lógico e o absurdo. Além disso, destacam-se reflexões filosóficas e identificação de intertextualidade apontadas ao longo do enredo, adiante, adentramos nesse assunto.

#### 4.1 Dimensões filosóficas

Para adentrar nas concepções filosóficas que se fazem presentes em “A biblioteca de Babel”, nos parece relevante apontar algumas reflexões de Bertrand Russell (2020) e Ludwig Wittgenstein (2001). Enquanto Russell acreditava que o conhecimento tinha o poder de reformular a percepção do universo, e queria redefinir os limites da lógica aristotélica, que já tinha um limite definido, Wittgenstein seguia o caminho posto e não concordava com essa abordagem, para tanto, argumentava que não se podia comprimir o infinito dentro de algo que é finito. Percebemos, portanto, que ambos os filósofos divergiam em alguns pontos de vista.

Em seu livro titulado *Tractatus logico-philosophicus* (2001, p. 177), Wittgenstein pontua que: “O fim da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos. A filosofia não é uma teoria, mas uma atividade. Uma obra filosófica consiste essencialmente em elucidações. O resultado da filosofia não são proposições filosóficas, mas é tomar proposições claras.” Nesse contexto, percebemos que em “A Biblioteca de Babel” há uma busca incessante dos bibliotecários pelo conhecimento absoluto ou por um livro que contenha todas as respostas. Wittgenstein nesse caso argumentaria que seria impossível devido às limitações do pensamento humano.

No vídeo “O que é Filosofia?” Publicado pelo canal do youtube *Filosofia à Brasileira* (2020), apresenta-se a seguinte reflexão de Bertrand Russell: “[...] a filosofia consiste em

especulações sobre temas onde o conhecimento exato ainda não é possível.” Partindo dessa premissa, nos parece interessante analisar o conceito epistemológico no conto "A Biblioteca de Babel", em que o narrador traça caminhos complexos através das abordagens literárias e filosóficas que o tecem. Borges, ao criar a metáfora de uma biblioteca infinita, desafia as fronteiras do conhecimento humano, explorando a vastidão da experiência. O papel do livro e da linguagem emerge como elementos cruciais, simbolizando a busca constante por significados em meio à complexidade da existência, vejamos um trecho do conto:

Como todos os homens da Biblioteca, viajei na minha juventude; peregrinei em busca de um livro, talvez do catálogo de catálogos; agora que meus olhos quase não podem decifrar o que escrevo, preparo-me para morrer, a poucas léguas do hexágono em que nasci. Morto, não faltarão mãos piedosas que me joguem pela balaustrada; minha sepultura será o ar insondável; meu corpo cairá demoradamente e se corromperá e dissolverá no vento gerado pela queda, que é infinita. (Borges, 1941, p. 38)

Notamos que o narrador durante sua vida na biblioteca, buscou pelas respostas que provavelmente pudesse existir naquele ambiente, mas assim como os outros bibliotecários, não conseguiu as respostas que buscava. Esse estranhamento por parte dos personagens criam uma atmosfera de suspeita sobre a realidade circundante, provocando características da literatura fantástica. Então a sua preparação para a morte era a aceitação da finitude de sua vida humana. Partindo dessa perspectiva, ainda no vídeo “O que é Filosofia?” se descreve a seguinte afirmativa de Russel:

A filosofia tem dois usos realmente: um deles é manter viva a especulação sobre temas que ainda não são suscetíveis ao conhecimento científico sobre uma parte muito pequena das coisas que interessam a humanidade, que deveria interessá-la e por outro lado, nos manter modestamente cientes de como muito do que parecia conhecimento não o é. (Russell, 2020)

A partir dessa reflexão de Russell, entendemos que a filosofia atua como uma arena intelectual na qual questões fundamentais, que ainda não podem ser verificadas, são exploradas e debatidas. Em segundo lugar, o conceito epistemológico desempenha um papel crítico ao nos lembrar da limitação do conhecimento humano. Ao reconhecermos que apenas uma pequena parte das questões relevantes para a humanidade pode ser abordada pela ciência, somos instados a manter uma postura de modéstia intelectual, reconhecendo a vastidão do desconhecido e a imperfeição do que já foi considerado conhecimento absoluto. No conto “A biblioteca de babel” se observa que o narrador fala sobre a felicidade daqueles bibliotecários ao saber que todas as respostas possíveis do universo estavam naquela biblioteca, veja:

Quando se proclamou que a Biblioteca abarcava todos os livros, a primeira impressão foi de extravagante felicidade. Todos os homens sentiram-se senhores de um tesouro intacto e secreto. Não havia problema pessoal ou mundial cuja eloqüente solução não existisse: em algum hexágono. O universo estava justificado, o universo bruscamente usurpou as dimensões ilimitadas da esperança. Naquele tempo falou-se muito das Vindicações: livros de apologia e de profecia, que para sempre vindicavam os atos de cada homem do universo e guardavam arcanos prodigiosos para seu futuro. (Borges, 1941, p. 40)

Os bibliotecários, ao se depararem com a possibilidade de acesso a todo o conhecimento e todas as respostas para indagações do mundo na biblioteca, eles podem experimentar uma grande alegria inicial ao imaginar as infinitas possibilidades de aprendizado e descoberta. No entanto, essa alegria é rapidamente obscurecida pelo egoísmo inerente à natureza humana conforme descrito no enredo. A busca pelo conhecimento absoluto, ao longo da história, muitas vezes revelou aspectos sombrios da natureza humana, evidenciando uma tendência intrínseca ao egoísmo e ao desejo de poder. À medida que os indivíduos se engajam na busca por uma compreensão mais profunda do mundo que os cerca, é comum que surjam competições, conflitos e rivalidades pelo domínio do conhecimento. Essa competição não raramente revela uma faceta do ser humano que é motivada pelo desejo de controle e autoridade sobre os outros, como se observa a seguir,

Milhares de cobiçosos abandonaram o doce hexágono natal e precipitaram-se escadas acima, premidos pelo vão propósito de encontrar sua Vindicação. Esses peregrinos disputavam nos corredores estreitos, proferiram obscuras maldições, estrangulavam-se nas escadas divinas, jogavam os livros enganosos no fundo dos túneis, morriam despenhados pelos homens de regiões remotas. Outros enlouqueceram... As Vindicações existem (vi duas que se referem a pessoas do futuro, a pessoas talvez não imaginárias), mas os que procuravam não recordavam que a possibilidade de que um homem encontre a sua, ou alguma pérfida variante da sua, é computável em zero. (Borges, 1941, p. 40)

Partindo desta citação entendemos que a epistemologia, que é o ramo da filosofia que estuda as origens e limites do conhecimento humano, é evidenciada nessa passagem através da reflexão sobre como o conhecimento é adquirido e como é compartilhado. Como o indivíduo pode sentir uma necessidade de reter informações para si mesmo, seja por medo de perder uma vantagem sobre os outros, por um desejo de manter o poder sobre o conhecimento, ou simplesmente por uma falta de interesse em contribuir para o bem comum. Essa tendência egoísta cria uma divisão entre aqueles que têm acesso ao conhecimento e aqueles que não têm, perpetuando desigualdades e impedindo o progresso coletivo. Em vez de usar o conhecimento

para o benefício de todos, o egoísmo leva o homem a buscar apenas o seu próprio avanço e interesse, em detrimento dos outros.

Além da multiplicidade de aspectos filosóficos que podem ser refletidos no enredo, também se identifica a presença da intertextualidade do conto, assim como se observa na seção seguinte.

#### 4.2 Dimensões intertextuais

É possível identificar na narrativa “A biblioteca de babel” de Jorge Luis Borges, passagens representativas de outros livros, sejam eles literários ou não. Em uma visão panorâmica inicial, é possível perceber que o próprio título lembra a passagem bíblica que remete a construção da torre de babel cuja finalidade era o de alcançar os céus. Há também, uma tentativa religiosa de explicar o surgimento das diversas línguas.

Ao explorar essas dimensões intertextuais, percebemos que Borges constrói um universo literário que dialoga de maneira sutil com tradições antigas e histórias bíblicas, sobretudo, no livro de gênesis conhecida como a já mencionada “Torre de Babel”. Ambas as narrativas tratam da pretensão humana pela busca do conhecimento e a soberba humana, as quais se conectam pela presença marcante do caos e da diversidade de línguas que se impõe sobre aquelas pessoas e gera desentendimentos históricos. Vejamos o trecho bíblico:

Um dia disseram uns aos outros: — Vamos, pessoal! Vamos fazer tijolos queimados! Assim, eles tinham tijolos para construir, em vez de pedras, e usavam piche, em vez de massa de pedreiro. Aí disseram: — Agora vamos construir uma cidade que tenha uma torre que chegue até o céu. Assim ficaremos famosos e não seremos espalhados pelo mundo inteiro. Então o senhor desceu para ver a cidade e a torre que aquela gente estava construindo. O senhor disse assim: — Essa gente é um povo só, e todos falam uma só língua. Isso que eles estão fazendo é apenas o começo. Logo serão capazes de fazer o que quiserem. <sup>7</sup>vamos descer e atrapalhar a língua que eles falam, a fim de que um não entenda o que o outro está dizendo. (Gênesis, 2015, p.3-7)

Em ambas as narrativas, a busca por sentido é desafiada: enquanto em Borges os bibliotecários buscam significados nos livros, em Gênesis se retrata a dispersão das línguas como resultado da busca humana por alcançar os céus. Nesse contexto, encontramos paralelos conceituais em alguns aspectos, por exemplo, a ideia de uma vasta estrutura contendo toda a informação possível pode ser comparada à concepção do conhecimento divino, que na teologia cristã é considerada onisciente, ou seja, conhecedor de tudo. Apesar da abundância de informações, eles se veem perdidos em meio à confusão, incapazes de encontrar sentido ou

significado em meio ao caos aparente da biblioteca infinita, essa confusão de informações fica clara no texto:

Milhares de cobiçosos abandonaram o doce hexágono natal e precipitaram-se escadas acima, premidos pelo vão propósito de encontrar sua Vindicação. Esses peregrinos disputavam nos corredores estreitos, proferiam obscuras maldições, estrangulavam-se nas escadas divinas, jogavam os livros enganosos no fundo dos túneis, morriam despenhados pelos homens de regiões remotas. Outros enlouqueceram... As Vindicações existem (vi duas que se referem a pessoas do futuro, a pessoas talvez não imaginárias), mas os que procuravam não recordavam que a possibilidade de que um homem encontre a sua, ou alguma pérfida variante da sua, é computável em zero. (Borges, 1941, p. 40)

Essa irrealdade no universo/biblioteca é uma característica da literatura fantástica, a qual agrega irregularidades no mundo semelhante ao real, nesse sentido, através desse lugar metafórico que se provoca questionamentos e desespero nos personagens em que eles se questionam em vários momentos, a respeito do conhecimento humano. Mesmo imersas em um espaço com tantas informações. Assim, na história bíblica, Deus alterou a língua de todos aqueles indivíduos para impedir a conclusão da torre, tornando a comunicação entre eles impossível. Na passagem da bíblia, se observa: “A cidade recebeu o nome de Babel, pois ali o Senhor atrapalhou a língua falada por todos os moradores da terra e dali os espalhou pelo mundo inteiro.” A palavra “Babel” tem origem hebraica que significa confundir ou confusão, embora as histórias em seu contexto elas refletem a condição humana de busca por ordem e significado em um universo que parece desprovido de sentido. Abaixo se nota que,

Quando se proclamou que a Biblioteca abarcava todos os livros, a primeira impressão foi de extravagante felicidade. Todos os homens sentiram-se senhores de um tesouro intacto e secreto. Não havia problema pessoal ou mundial cuja eloquente solução não existisse: em algum hexágono. o Universo estava justificado, o Universo bruscamente usurpou as dimensões ilimitadas da esperança. (Borges, 1944, p. 40)

Ao comparar essa sensação inicial de otimismo com a história bíblica da Torre de Babel que emerge a intertextualidade. Na história bíblica, os construtores da Torre de Babel ambicionavam alcançar os céus e criar uma torre que tocasse o próprio divino. Essa ambição levou à dispersão das línguas como uma punição divina pela arrogância humana. Ao relacionar a "extravagante felicidade" da Biblioteca de Babel com a busca pelo conhecimento infinito, pode-se perceber uma analogia com a ambição dos construtores da Torre de Babel. Ambos os contextos sugerem uma busca por compreensão e justificação do Universo. No entanto, a comparação também pode indicar que, assim como na história bíblica, essa busca pode ter consequências imprevisíveis e desafios inesperados.

A intertextualidade também se manifesta na reflexão sobre a natureza da linguagem e do conhecimento. Borges, ao evocar a Torre de Babel, sugere que a busca pela totalidade do entendimento pode ser uma quimera, e que a multiplicidade de vozes e perspectivas está inerente à condição humana. A babel de informações na biblioteca representa não apenas a diversidade, mas também a dificuldade de decifrar e compreender a totalidade do conhecimento humano.

### **4.3 Tecendo conceitos**

Em função do objetivo geral desse trabalho que se trata de identificar e analisar as dimensões filosóficas e intertextuais no conto “A biblioteca de Babel” de Borges, notamos que o espaço físico dessa biblioteca/mundo pode proporcionar uma série reflexões filosóficas e elencar diversos elementos intertextuais.

No arcabouço filosófico se provoca uma infinidade de reflexões em que se destaca os limites do conhecimento humano, tema epistemologia, ramo da filosofia que investiga a origem, a natureza e os limites do conhecimento, e questiona como adquirimos o saber e como identificar o conhecimento verdadeiro.

Confrontando-nos com a vastidão do desconhecido presente na Biblioteca infinita. A aleatoriedade na disposição dos livros na Biblioteca também oferece uma oportunidade para explorar conceitos relacionados à estrutura da informação. Além disso, é possível interpretar metaforicamente a Biblioteca de Babel. Pode-se enxergá-la como uma representação da mente humana, onde a multiplicidade de pensamentos e ideias coexiste, ou como uma metáfora do caos informacional na era da internet, destacando a relevância de sistemas de classificação.

A construção do universo ficcional é outra dimensão intrigante do conto. A habilidade de Borges em criar um mundo tão complexo e singular levanta questões sobre a natureza da ficção, o papel do autor como construtor de mundos imaginários e a interação entre a literatura e a realidade. Em muitos de seus contos e ensaios, ele explorou temas e técnicas típicas desse gênero, como labirintos, espelhos, universos paralelos. No conto aqui analisado se identifica a presença do fantástico ao apresenta um enredo que tem como espaço uma biblioteca, local comum na sociedade, mas que, está composta por uma situação irreal ao representar um universo em que todos estão inseridos neste pequeno ou grande espaço. Além disso, os personagens se questionam o tempo todo sobre esse universo criando uma atmosfera de estranhamento por parte deles, o mesmo presente na história da Torre de Babel. O autor mostra,

portanto, sua habilidade em mesclar realidade e ficção, além do seu domínio pela estrutura narrativa e sua capacidade de criar universos imaginativos.

Ao contextualizar o conto dentro do corpo de obra de Borges, é possível explorar as influências literárias do autor, suas técnicas narrativas distintivas e o papel da literatura como uma forma de explorar e desafiar a realidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que nosso estudo pode proporcionar uma compreensão mais profunda e abrangente do conto "A Biblioteca de Babel" de Jorge Luis Borges, ressaltando suas abordagens intertextuais e filosóficas que transpassam a narrativa, além de adentrar nas características da literatura fantástica presentes na obra.

Com base na análise qualitativa, nos parece que foi importante delinear alguns traços da literatura latino-americana, especialmente no que diz respeito à literatura fantástica, recurso bem utilizado por Borges em muitos dos seus textos literários e com "A Biblioteca de Babel" não é diferente, no enredo, os personagens se questionam a todo momento sobre essa irrealidade compõe parte da vida deles, em que, entre outras questões, há um livro sagrado que responda a todos os questionamentos existentes. Notamos que suas obras transcendem as fronteiras da realidade e da imaginação, convidando os leitores a refletirem sobre questões existenciais e filosóficas profundas. Ao discutir a presença da intertextualidade em conjunto com as concepções filosóficas na obra de Borges, foi evidenciada a complexidade e a sofisticação de sua escrita que joga, a todo momento, com passagens bíblicas.

Ao examinar a ficcionalização de Borges, ficou evidente como ele transcende as fronteiras entre realidade e imaginação, convidando os leitores a explorarem questões, bem como, explorando questões existenciais, sobre a natureza do conhecimento e a busca pelo significado no universo. As dimensões intertextuais também foram examinadas, através de referências literárias, filosóficas e culturais em sua obra, enriquecendo e ampliando o significado da narrativa.

Por fim, nos parece que Borges nos convida a mergulhar em um labirinto de ideias e referências, desafiando-nos a expandir nossos horizontes intelectuais e a explorar as vastas possibilidades da mente humana. Assim, "A Biblioteca de Babel" continua a ressoar como uma obra-prima da literatura, cujas profundezas ainda aguardam serem plenamente desbravadas pelos leitores curiosos e ávidos por conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria de Fátima. BASTA DE NOS QUEIMAR!: UMA LEITURA DE “AS COISAS QUE PERDEMOS NO FOGO”, DE MARIANA ENRÍQUEZ. *Abusões*, [S. l.], v. 21, n. 21, 2023.

BARBOSA, Iaranda Jurema Ferreira. *Horizontes de la escalera: a presença do modo fantástico na poesia latino-americana*. UFPE: Recife, 2020.

BERTRAND RUSSELL: O que é filosofia???. Vídeo. 6min24s. Publicado pelo canal Filosofia à Brasileira. 20 de Jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iIAupea4D08>. Acesso em: 03 de abr. de 2024

BÍBLIA, Gênesis. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015. p 19-20

BORGES, Jorge Luis et al. *La biblioteca de Babel*. 1997.

DE ABREU, Rosangela Costa; DA SILVA CAPAVERDE, Tatiana. O encontro com o outro na literatura: Os Borges cara a cara. *Research, Society and Development*, v. 13, n. 3, p. e11413345363-e11413345363, 2024.

DEMENECH, Pedro. Nostalgia do Real: O Jovem Jorge Luis Borges e a História de Buenos Aires. *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia, Morrinhos/GO*, v. 8, n. 2, p. 31-47, 2017.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. V. 84(Coleção Debates).

LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MENDONÇA, Cristina Diniz. *O Mito da Resistência. Experiência histórica e forma filosófica em Sartre (Uma interpretação de L'Être et le Néant)*. 2001. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MENEZES, Pedro. O que é Filosofia?. *Toda Matéria*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-filosofia/>. Acesso em: 25 mar. 2024

MILREU, Isis. *De autor a personagem: Jorge Luis Borges na mira de romancistas latino-americanos*. 2014.

MORENO, C. F. (org). **América. Latina em sua literatura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972. GREENFIELD, John et al. *Textualidade e memória: permanência, rotura, controvérsia*. 2019.

ROAS, David. *A ameaça do fantástico*. SciELO-Editora UNESP, 2014.

ROAS, David. *Tras los límites de lo real: una definición de lo fantástico*. Editorial Páginas de Espuma, 2016.

SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. São Paulo: Hucitec, 2008.

SÁNCHEZ, Darío Gómez. LITERATURA E MEMÓRIA NAS CIVILIZAÇÕES PRÉ-COLOMBIANAS. 2015. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015\\_1455932626.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1455932626.pdf). Acesso em: 10 jan. 2024.

WAQUIL, Marina Leivas. O boom latino-americano: recepção e tradução. *Translatio*, n. 7, p. 14-14, 2014.

WITTGENSTEIN, Ludwig, 1889-1951 **Tractatus Logico-Philosophicus** / Ludwig Wittgenstein; Tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos; [Introdução de Bertrand Russell]. - 3.ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

